OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: OLHARES DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA ACERCA DA EXPERIÊNCIA DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Igor Araújo Sales
E-mail: igorsalesbn@gmail.com

Daniel Mallmann Vallerius
UFT
E-mail: daniel.mv@uft.edu.br

Resumo:
O mundo está vivendo uma pandemia gerada pela COVID-19, e ela traz consigo consequências que ainda estamos compreendendo. Uma das consequências reflete no que se vive no ensino escolar. Este trabalho busca investigar o impacto das ações de distanciamento social na educação escolar, pelo olhar dos(as) professores(as), já que, o ensino, neste cenário, tornou-se remoto. Pode-se perceber a partir de tais investigações, que as ações com o intuito de suprir a ausência dos alunos na sala de aula foram tomadas de maneira emergencial e sem preparação prévia. Tais resultados foram obtidos a partir de uma pesquisa realizada (de outubro de 2020 a fevereiro de 2021) com os sujeitos escolares de várias partes do Brasil, para melhor compreender os desafios enfrentados por eles. De maneira virtual, utilizando o Google Forms, docentes atuantes no nível fundamental, médio e superior, das cinco regiões brasileiras participaram respondendo de maneira anônima a questões, que envolvem diretamente ou indiretamente a situação educacional na qual se encontravam em decorrência da pandemia de COVID-19.

Palavras-chave: COVID-19; Docente; Ensino remoto.

Introdução

Este resumo expandido é um fragmento do trabalho de conclusão de curso intitulado *O Ensino da Geografia no cenário da COVID-19: Múltiplos Olhares*, e por tal motivo, o presente trabalho não responde todos os questionamentos que possam vir a cabeça, bem como não aborda a ciência geográfica de maneira completa.

Para falar de uma pandemia, talvez o texto devesse começar com “era uma vez...”, afinal, um evento dessa magnitude é digno de um roteiro de filme com traços de surrealidade. Houveram algumas pandemias, e de fato, os seus reflexos no espaço é algo não visto em outras

situações, pois esta tem a capacidade de modificar o que conhecemos, o que temos como "normal", fazendo emergir novas realidades.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) diz que a pandemia de influenza H1N1 (gripe suína) em 2009 e o surto de Ebola em 2014-2016 causaram o fechamento de escolas por períodos maiores ou menores em vários países - ainda assim, a crise do COVID-19 pegou a maioria dos sistemas de educação do mundo despreparados (UNICEF, 2020). Dessa forma, entende-se que os efeitos originados por essas duas pandemias mencionadas geraram medidas urgentes na educação.

Frente ao desafio da pandemia de COVID-19, a maioria dos países paralisou as atividades presenciais de suas instituições de ensino, com o intuito de conter o avanço do vírus, ao passo que outros paralisaram parcialmente seus processos educativos presenciais, os tornando híbridos, com um ensino remoto, e poucas foram as nações que mantiveram, em alguma escala, atividades escolares presenciais.

A tecnologia como estratégia "messiânica"

A partir da portaria nº 343, de 17 de março de 2020, o governo federal deixou claro que o ensino remoto seria algo excepcional, ou seja, especial devido a situação então vivida no país. Houve algumas outras portarias que prorrogaram o período de efetividade dessa modalidade especial de ensino, adicionando novos artigos e incisos, como a portaria nº 544, de 16 de junho de 2020, a qual prorrogou a efetividade da modalidade até 31 de dezembro de 2020. Atenhamos este recorte espacial do ano de 2020 no Brasil, para discutir algumas coisas. A educação remota (ensino remoto) começou a ser implementada em diversas escolas Brasil afora.

Uma pergunta se impõe: como implementar um ensino remoto de qualidade quando se tem diversos fatores estruturais, como estudantes de baixa renda que não tem acesso à internet ou que moram na zona rural, espaços estes que por vezes se localizam em áreas de difícil acesso e de conexão rarefeita à internet?

Quando se falou de emprego da tecnologia durante a a pandemia de COVID-19 lembrou-se quase que imediatamente de ensino remoto, e sobre tal fato é importante apontar

que o mesmo e ensino à distância não são sinônimos. Entende-se por ensino remoto, uma metodologia de caráter emergencial, cujas atividades podem ser diferentes de turma para turma, ou de docente para docente. Ou seja, levando em conta as particularidades e dificuldades de cada grupo com a metodologia de interação através da tecnologia. O ensino à distância (EaD) se mostra uma metodologia de fato pensada, planejada para promover o ensino sem que seus discentes tenham que se deslocar até as instituições de ensino. Os profissionais são capacitados efetivamente para esta metodologia específica.

A metodologia de ensino remoto, sem a exclusão de nenhum dos sujeitos escolares requer um planejamento detalhado, levando em consideração particularidades das localidades, estas podendo ser o clima, a estrutura das instituições, a série letiva dos estudantes, e como se encontra o cenário pandêmico da região em questão. Necessário que haja uma atenção redobrada, pois o educar não é fácil, e em uma pandemia isto se torna mais complicado ainda. A situação requer tato, sensibilidades para entender e saber lidar com as diversas situações ímpares existentes no território brasileiro. Ofertar aulas, sem se preocupar de fato com o que os estudantes estão aprendendo se é que estão aprendendo - não contribui com o contexto educacional em nenhum momento, com ou sem pandemia.

É neste contexto que se insere a presente pesquisa: compreender os desafios dos professores de geografia durante a pandemia de Covid-19.

Olhares docentes

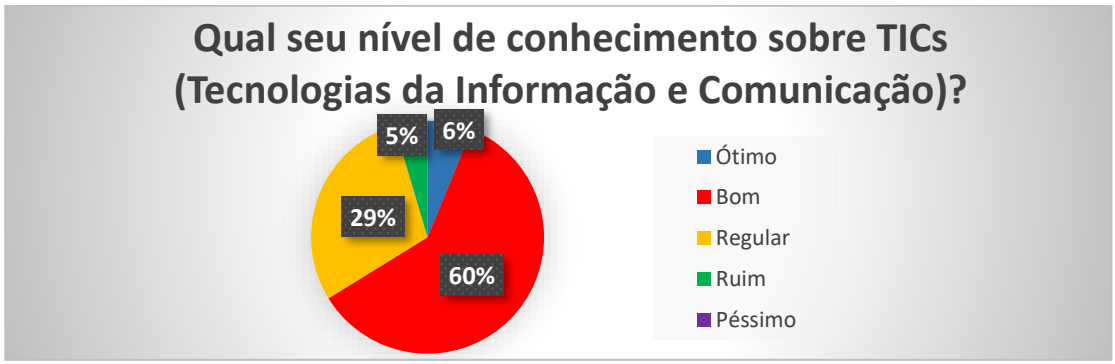
A investigação com os sujeitos escolares, foi composta por questões estruturadas de múltipla escolha, visando compreender o cenário abordado a partir do prisma dos sujeitos escolares. Assim, analisa-se agora, as respostas de 65 docentes participantes da pesquisa, das cinco regiões brasileiras. Os sujeitos compreendidos pela pesquisa são de faixas etárias variadas idades, da rede pública e privada, tanto do ensino básico e superior, por entender que as demandas e desafios tornam-se semelhantes no momento da realização desta.

Os participantes atuam em maioria na educação básica (69,2%), já 30,8% atuam na educação superior. Julga-se interessante saber em qual rede lecionam estes profissionais

(pública, privada ou ambas), pois notoriamente as redes particulares dispõem de mais ferramentas, de uma estrutura em geral, e pressupõe-se que os docentes deste ambiente, possivelmente tendem a possuir familiaridade maior com determinadas ferramentas tecnológicas.

Quando a instituição de ensino pertence a rede privada, possivelmente ela possui a disposição uma maior variedade e qualidade de materiais, equipamentos, e por tal fato as vezes cobra-se mais destes profissionais em relação a habilidades e competências com as tecnologias, do que se é cobrado de um profissional da rede pública, afinal são espaços de atuação que dispõem de recursos distintos. Em se tratando de familiaridade com as tecnologias, perguntou-se para os mesmos sobre seu nível de conhecimento com as tecnologias da informação e comunicação (TICs) - as respostas foram majoritariamente positivas, afinal, pouco mais de 66% diz ter bom ou ótimo grau de conhecimento, como pode ser observado a seguir:

Figura 1 – Gráfico sobre grau de conhecimento de TICs



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor. Elaboração: SALES, 2021

Contudo, pouco mais de 33% dos participantes assumem um nível de conhecimento regular/ruim. Estes necessitariam de uma preparação prévia para assim se familiarizarem com as ferramentas tecnológicas que eventualmente poderiam utilizar, mas, não se sabe de nenhuma regulamentação que impusesse tal pré-requisito para se iniciar o ensino emergencial a distância. Isto é grave, afinal, em um cenário na qual há dúvidas a respeito da relação dos estudantes com as TICs e ferramentas que possibilitem o mesmo de assistir, participar efetivamente de suas

aulas, pressupõe-se que o professor está ativamente proporcionando atividades remotas a este estudante.

Se a totalidade de estudantes não possuem ferramentas e conhecimento com as TICs, bem como, se os docentes também não souberem utilizar as tecnologias, este processo de ensino remoto torna-se no excludente, e possivelmente inviável sem os preparos adequados para todos os envolvidos. As TICs no ensino, segundo a pesquisa, não eram usadas pela maioria dos professores nem em sistema presencial. Neste sentido, 11% dos entrevistados apontaram não usar; 32% disseram usar com frequência, e 57% utilizam de maneira esporádica.

Cabe refletir acerca dos motivos para não se usar as tecnologias digitais, da informação e comunicação em sala de aula. É possível que a metodologia dos professores não se adaptasse ao uso das TICs, bem como é factível que não houvesse o sentimento de necessidade de usar tais ferramentas, ou até mesmo o sentimento de conforto para se utilizar. O fato é que por não se utilizar habitualmente em aulas presenciais, o seu uso tornou-se algo novo para muitos no ensino, sejam docentes ou discentes.

Pouco mais da metade dos participantes da pesquisa respondeu que em sua opinião o ideal seria trabalhar exclusivamente de maneira remota/a distância, outros 30% opinam dizendo que seria ideal trabalhar de maneira hibrida, intercalando aulas e atividades presenciais com a modalidade remota. Pouco mais de 15% simpatizam com a ideia de paralisar as atividades e aulas enquanto a pandemia durar, e recuperar estas aulas futuramente. Mesmo com os graves problemas vividos, 1,5% dos participantes sinalizam que o ideal seria o retorno presencial.

Cabe então, um paralelo com a reflexão proposta por De Sousa *et al* (2020, p.8), quando aponta que:

> Como diz o ditado popular, “nem muito ao céu e nem muito ao inferno”. Por mais que saibamos a precariedade da realidade de muitas famílias brasileiras, a dificuldade que assola a população pertencente às periferias, por exemplo, entendemos que a escola pública não pode se ausentar do processo educativo neste momento, independentemente dos argumentos. Que fique claro que não se trata de um processo de exclusão, mas, ao contrário, se trata de uma tentativa de inclusão. Para os nossos alunos o simbolismo do afeto, no ato da escola garantir o processo educativo na atual conjuntura, pode ter mais importância do que o processo educativo em si

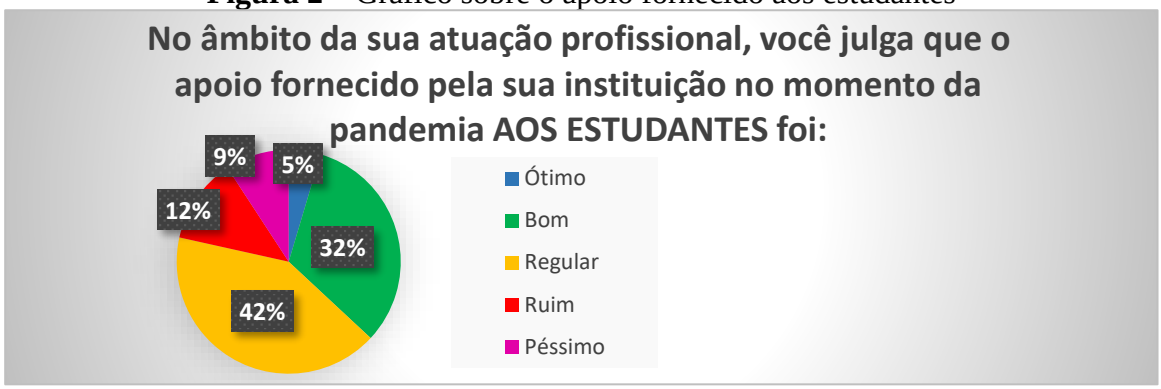
Mesmo uma parcela considerável dos entrevistados apontando que o ideal seriam aulas remotas ou hibridas, a maioria dos participantes da pesquisa não teve contato com um ensino a distância antes da pandemia de COVID-19. Assim, mais de 90% dos entrevistados disseram não terem atuado de maneira remota antes do cenário pandêmico e mais de 90% estava atuando de maneira remota/a distância no momento da pesquisa. E com isso entende-se que a presente experiência de ensino a distância é a primeira de muitos(as) professores(as), bem como, possivelmente é o primeiro contato também dos estudantes, afinal, poucos são os(as) estudantes e os(as) docentes que já tiveram contato com a modalidade remota.

Conforme elencamos na pesquisa, a maioria dos professores estão no ambiente público de ensino, e neste, atividades e aulas à distância não são frequentes. Este espaço está sendo dotado de períodos de adaptação para os sujeitos escolares, sem que haja um costume ou um sentimento afetivo pela modalidade de ensino a distância.

Desta forma, procurou-se compreender pelo prisma dos docentes, se estes acreditam que os estudantes estão assimilando os conteúdos, e como está sendo a compreensão destes. Mais de 75% dos participantes da pesquisa alegam acreditar que os estudantes estão sim assimilando os conteúdos, contudo, menos que no regime presencial. Para além disto, mais de 15% dizem que os discentes não estão assimilando. O índice daqueles que acreditam que a compreensão dos conteúdos está sendo igual ou melhor do que no regime presencial é de pouco mais de 6,5%. São dados alarmantes acerca da visão do professor sobre o aprendizado dos estudantes.

Se tratando da instituição, ou melhor, do apoio destas para com seus profissionais durante o momento pandêmico vivido, mais de 30% dizem que a entidade deu um bom apoio, pouco mais de 40% já alegam que o apoio foi regular. Mais de 12% dizem que o apoio foi ruim e quase 10% julgam que o apoio da instituição foi péssimo. Somente 4,6% julgam como ótimo. Como pode-se observar a seguir:

Figura 2 – Gráfico sobre o apoio fornecido aos estudantes



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor. Elaboração: SALES, 2021

Este apoio da escola ao estudante é fundamental, pois, sabe-se que o Brasil há muito enfrenta uma grande desigualdade social, que possivelmente assola os estudantes no que diz respeito a um melhor preparo para assim conseguir um ensino de qualidade (na medida do possível atualmente). São momentos complicados, que necessitam de planejamento, de organização, de auxílio. A pandemia de COVID-19 trouxe situações novas e brutalizou antigos cenários, sociais, estruturais, educacionais. É possível observar a distante igualdade de oportunidades e ferramentas para os estudantes de todos os níveis do Brasil, e mais distante ainda uma equidade para estes.

O apoio das instituições para com os sujeitos escolares, docentes e discentes, e em casos, auxilio também as famílias, é imprescindível, contudo, ao perguntar sobre o assunto aos professores(as) suas respostas não indicaram um apoio massivo das entidades, e isto é um grande alerta.

Figura 3 – Gráfico sobre o apoio fornecido ao trabalho do docente

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor. Elaboração: SALES, 2021

A respeito do apoio da instituição para com o docente, os números retratam uma diferença grande de cenários. Pouco mais de 35% dizem que receberam um apoio considerado como regular, e 35% julgam terem recebido um bom apoio. Diferentemente do apoio aos estudantes, mais de 13% dos docentes avaliam que receberam um péssimo apoio, e mais de 7% dizem que o apoio foi ruim. Cerca de 6% avaliam como ótimo o apoio recebido.

Ao mesmo tempo, 52% dos docentes também apontaram que estão com um pouco de dificuldade de trabalhar os conteúdos de maneira remota, e 26% disseram ter muita dificuldade, isto demonstra uma vez mais a necessidade de apoio das instituições para com seus profissionais, pois, sabe-se que este é uma profissão que nem sempre goza da melhor valorização possível – em termos financeiros também, mas não apenas nestes. Para agravar este conhecido cenário, torna-se um complicador a necessidade de o docente retirar uma parcela do seu salário para, por exemplo, melhorar sua internet ou para comprar equipamentos - e tal fato está acontecendo. Mesmo sendo um dever da instituição fornecer meios e ferramentas para que os docentes consigam atuar de maneira remota, é possível que algumas não estejam tomando tal atitude, e quem sai prejudicado nesta situação são os sujeitos escolares em geral.

Por ser algo novo para muitos dos sujeitos escolares, há uma dificuldade de adaptação a esta modalidade de ensino emergencial a distância. Mais de 78% dos participantes da pesquisa têm dificuldades na forma de trabalhar os conteúdos e mais de 70% dos participantes apontam a dificuldade (mais do que no regime presencial) de avaliar os estudantes neste regime a distância/remoto.

Os dados mostram os desafios que foram e são enfrentados pelos docentes nesta modalidade de ensino emergencial. Certamente os indivíduos se adaptam em tempos diferentes, contudo, a avaliação sempre foi um desafio para os docentes. É possível que as dificuldades de propor atividades e avaliar de maneira justa os estudantes se agravem com este regime a distância. Por tais motivos é necessária uma capacitação para trabalhar nesta modalidade de ensino remoto.

Mais de 60% dos docentes dizem se sentirem um pouco preparados e/ou capacitados para a atuação neste regime de aulas remotas. Outros 20% já alegam não estarem

preparados/capacitados. Pouco mais de 18% dizem se sentirem muito preparados. Uma capacitação/preparação para os(as) professores(as) se faz necessária tendo em vista que é uma atuação nova para muitos indivíduos, com novas ferramentas, novos métodos, tudo novo. Uma preparação poupa tempo e evita desgastes maior acerca do aprender a utilizar as novas ferramentas e a criar metodologias.

Não é o primeiro cenário pandêmico que aconteceu na história. E por ser um fenômeno que muda drasticamente a realidade, que afeta diversas áreas da sociedade, e que por isto já se torna um tema geográfico, torna-se necessário a abordagem nas aulas de geografia. Contudo, se viu na aplicação do questionário que o conceito de pandemia não era trabalhado. A pergunta foi se já havia trabalhado o conceito de pandemia com os estudantes, e mais de 84% apontam que não. E tendo em vista a situação do momento e o atual cenário, mais de 90% dos docentes já alegam terem a intenção de abordar sim a pandemia de COVID-19 em suas aulas de geografia.

Essa discussão, envolve não somente o âmbito escolar, mas sim toda a sociedade civil, afinal, a pandemia é um evento geográfico, que interage com o meio a ponto de modificá-lo, fazendo emergir novas realidades, assim envolve a todos os indivíduos, ninguém está livre de estar envolvido direta ou indiretamente em um evento desta magnitude. Santos diz que “um evento é o resultado de um feixe de vetores, conduzido por um processo, levando uma nova função ao meio preexistente” (2006, p. 61), e assim podemos observar que um evento precisa de uma série de fatores que o constituem, sem um deles, ele não ocorre. Ele leva a uma nova função, ou seja, ele dá um caráter diferente ao meio em que se insere, modificando-o. A importância e urgência do tema, faz com que ela precise adentrar o espaço escolar, principalmente pelo(a) professor(a) de geografia, pois esta carrega um enorme potencial de contribuir para interpretação dos fatos, fenômenos e das dinâmicas que constroem o espaço geográfico.

Considerações finais

Pode-se observar que a pandemia de COVID-19 se mostrou complicada para os sujeitos, dado que pegou a todos de surpresa, muitos destes, sem um preparo para o que vinha a acontecer, ou seja, paralisar suas atividades escolares, ou tê-las de maneiras remotas. Estes momentos também trouxeram à tona discussões de habilidades e competências referentes a conhecimentos digitais, tecnológicos, assim como debates sobre o acesso justo e igualitário as atividades remotas. Metodologias tiveram de ser adaptadas, assim como avaliações. E mesmo com a pandemia chegando ao fim, ainda não é possível mensurar suas consequências.

Esta investigação, sob as nossas lentes, mostra-se relevante pois, soma-se como registro histórico, que apontam os principais desafios enfrentados pelo(a) professor(a) que teve de passar pelas dificuldades de ministrar aulas neste ensino remoto, bem como, no contexto de uma retomada gradual de um ensino presencial, sem apresentar grandes condições e/ou apresentar uma formação adequada. Trabalho este que também permite olhares acerca da formação dos professores, sobretudo de modalidades não presenciais, de sua preparação para com as TICs, e isso eventualmente é rotina dos docentes. Hoje, após algum tempo da realização deste trabalho, é possível observar alguns aprendizados que a pandemia nos deixou, sem nenhum glamour, pois foi um momento extremamente difícil, de dor e de sofrimento, contudo, podemos tirar minimamente algo de bom, um deste foram os aprendizados que tivemos e que de certa forma nos forçaram a avançar em nossa formação, como por exemplo, em novos meios didáticos, alternativas de trabalho que certamente estão presente na rotinas dos professores e professoras de geografia.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020**. Edição 53. Seção 1. Pág. 39. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Nº 544, de 16 de junho de 2020**. Edição 114. Seção 1. Pág. 62. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872

DE SOUSA, Galdino Rodrigues; BORGES, Eliane Medeiros; COLPAS, Ricardo Ducatti. Em defesa das tecnologias de informação e comunicação na Educação Básica: diálogos em tempos de pandemia. **Plurais Revista Multidisciplinar**, v. 5, n. 1, p. 146-169, 2020.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

UNICEF. How prepared are global education systems for future crises? **Unicef**, 2020. Disponível em: https://blogs.unicef.org/evidence-for-action/how-prepared-are-global-education-systems-for-future-crises/. Acesso em: 22 mar. 2021.